

EFEITO DO GÉNERO, CONTEXTO DE PRÁTICA E TIPO DE MODALIDADE DESPORTIVA SOBRE OS VALORES NO DESPORTO DE JOVENS

Carlos E. Gonçalves

Manuel J. Coelho E. Silva

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

Jaume Cruz

Universidade Autónoma de Barcelona

INTRODUÇÃO

Existe uma crença generalizada de que o Desporto, por si só, “faz bem”. É bom para a saúde, constitui um veículo óptimo de socialização, ocupa os tempos livres, fortalece o carácter, apura habilidades motoras, educa para a vida. Por estes motivos, a procura social do desporto é assumida como globalmente positiva, sendo desejável que a prática se transforme numa experiência que deveria ser proporcionada à maioria da população. Dado que é na infância e na juventude que os indivíduos estão mais predispostos a serem influenciados pela educação, a prática desportiva das crianças e jovens é fomentada e incentivada.

Este aumento da procura da prática desportiva tem tido a sua maior incidência em idades cada vez mais baixas, ainda com uma clara sub-participação das raparigas. Se a iniciação precoce era, há 20 anos, apanágio de modalidades como a Ginástica ou a Natação, actualmente todos os desportos situam a sua base de recrutamento na faixa etária que vai dos 6 aos 10 anos. Neste caso, os interesses das famílias e das federações desportivas são coincidentes. A estas últimas interessa particularmente um segmento do “mercado” ainda em expansão e que permitiria uma fidelização duradoura dos “clientes”.

As justificações das decisões políticas para o apoio ao desporto infanto-juvenil são fundamentalmente de 3 categorias: (a) promoção da saúde pública; (b) promoção de estilos de vida que afastem os jovens situações de risco social; (c) aumento da qualidade da prática numa lógica de percurso para o alto rendimento. Nesta concepção instrumental do papel do desporto, os efeitos morais positivos são, pois, considerados iminentes e decorrentes da participação nos treinos e nas competições. A experiência e a investigação vêm-nos dizendo que não é bem assim.



Educação moral e ética desportiva

Segundo Bredemeier & Shields (2002): “a estrutura técnica do desporto não possui significado moral intrínseco. O impacto da participação das crianças no desporto vai variar de acordo com o tipo de desporto (individual ou colectivo, nível de contacto), a qualidade e o estilo de treino.” Um estudo com raparigas praticantes de futebol, com idades entre os 10 e os 14 anos, evidencia que a tentação para fazer batota está associada, entre outras variáveis, à permanência na mesma equipa (Stephens, 2000). Estes resultados da investigação levaram Bredemeier (1999) a sustentar que as equipas de crianças e jovens se deveriam constituir, para além de grupos dedicados à prática desportiva, como “comunidades morais”.

Aumentando as dúvidas sobre a aptidão para influir no desenvolvimento psicológico e social das crianças e dos jovens, os problemas éticos levantados pela prática desportiva, em especial ao nível do alto rendimento profissional, vêm assumindo uma relevância continuada nos últimos anos e têm vindo a ser analisados tanto a nível institucional, público ou privado, como individual. Com o eco mediático que o desporto profissional provoca, associado à sua crescente importância económica, os casos e escândalos de violência, corrupção, ligações políticas, negócios, extravasam a esfera desportiva para se tornarem alvo do interesse de toda a sociedade, com uma relevância incomum para os mais novos, através da popularidade dos “heróis desportivos”.

A contradição entre a exacerbação da excelência destinada ao espectáculo global – no desporto profissional – e a prática motivada pelo prazer ou pela busca da saúde e beleza traz consigo um abalo profundo à ideologia que fundamenta a formação desportiva dos jovens praticantes: correspondência entre a base e a elite, carreira balizada por etapas de preparação e norteada por fidelidade a uma modalidade desportiva e a valores de disciplina, perseverança, apego ao grupo e respeito pelas regras escritas ou tácitas.

As organizações desportivas de índole associativa tradicional – clubes, associações e federações de modalidade – continuam a oferecer actividades de treino e competição assentes em pressupostos de rendimento faseado, de selectividade progressiva e de obtenção de vitórias em campeonatos decalcados do modelo dos adultos. O afastamento de boa parte dos jovens dos valores éticos do aperfeiçoamento através do esforço, da perseverança e do espírito de equipa, em favor de motivos de participação de matriz afectiva e social (Coelho e Silva, 2004), vem agravando ora o abandono da prática desportiva nos anos de adolescência, ora o abaixamento da qualidade competitiva das competições infanto-juvenis. A esta situação, as federações desportivas têm procurado responder, reforçando os seus programas para elites jovens, através da melhoria da detecção e acompanhamento de talentos e da oferta de condições óptimas de treino aos atletas seleccionados (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004).

No caso português, a existência do sistema desportivo tem sido alimentada quase exclusivamente pelo associativismo privado, vulgarmente designado por Desporto Federado. Paralela-

mente, coexiste o Sistema Desportivo Escolar, conhecido como Desporto Escolar, da exclusiva responsabilidade política e administrativa do Estado e sob a exclusiva responsabilidade pedagógica dos estabelecimentos de ensino e dos seus professores. Seria lógico esperar, portanto, que o Desporto Escolar respondesse de modo mais expedito e flexível do que o Desporto Federado às alterações nas expectativas dos alunos e na sua motivação para a prática.

Assumindo claramente que o Desporto “faz bem”, aceita-se também que o Desporto pode “fazer mal”. O potencial educativo da prática desportiva continua incólume e continua a ser um veículo inestimável de aprendizagem de valores de afectividade, solidariedade e de cidadania. Torna-se necessário o conhecimento aprofundado da realidade, sabendo o que pensam e em que acreditam os jovens praticantes, as suas famílias, os treinadores e os responsáveis pelas organizações.

Medir a ética no desporto

O conceito de *jogo limpo/fair play* sintetizaria a constelação de valores que o desportista deve interiorizar, seja qual for o seu nível de prática. Em sentido lato, o desportista assumiria a sua condição tanto em treino e competição como na sua vida privada e pública. O desporto funcionaria como exemplo socialmente positivo.

O estudo das questões “éticas” no desporto de jovens tem sido esparso e descontínuo ao longo dos últimos anos. Uma das razões será a dificuldade de clarificar constructos e de desenvolver instrumentos quantitativos, aptos a “medir” os atletas de idades mais baixas. As tentativas mais relevantes foram levadas a cabo no Reino Unido, sob impulso, principalmente, de Martin Lee. O autor (Lee, 1996) parte da definição de Rokeach para afirmar os valores como “crenças duradouras em que um comportamento específico é... pessoal ou socialmente preferível a outro comportamento... contrário ou alternativo.” Neste sentido, os valores representam o fundamento das condutas socialmente desejáveis, tendo pois, um carácter instrumental. Os valores (fundamentalmente o seu sistema e estrutura) funcionariam como “princípios que orientam a vida pessoal e social” (Lee, 2000).

Schwarz (1994) organiza os valores hierarquicamente, propondo um sistema, estruturado sobre dois eixos, resultantes de outras tantas dimensões motivacionais: (a) da “auto-transcendência” para o “auto-reforço”, da tolerância para o autoritarismo, por exemplo; (b) da “abertura à mudança” para o “conservadorismo”. Este quadro teórico permite que os valores sejam identificados como próximos ou contrários e abre caminho à construção de um instrumento apto a descrever o sistema de valores numa dada população.

Considerações instrumentais

Partindo da conceptualização de Schwarz, e respondendo a solicitações do Conselho da Europa e do “Sports Council” do Reino Unido, um grupo de investigadores de vários países euro-

peus, liderado por Lee, procurou criar e validar um questionário para “medir” os valores no desporto infanto-juvenil.

A partir de entrevistas com jovens praticantes (15-20 anos) de futebol e ténis, em que eram colocados aos respondentes dilemas morais na respectiva modalidade desportiva, Lee & Cockman (1991) identificaram 18 valores definidos como “expressões adultas de constructos psicológicos” (Lee, 1996). De forma a aferir a relevância e a inteligibilidade dos 18 valores para a população-alvo, foram realizadas novas entrevistas, recorrendo à técnica dos Grupos Focais, com 3 a 5 elementos. Os sujeitos foram 50 praticantes de desporto federado, dos 11 aos 17 anos de idade, alunos de 5 escolas do Sul de Inglaterra. O objectivo dos grupos era fomentar a discussão entre os jovens, de modo a clarificar e tornar perceptíveis os conceitos e os respectivos descritores. Os valores melhor compreendidos pelos jovens foram “saúde e boa forma” e “obediência”, enquanto que aqueles que mais dificuldades causaram foram “respeito pelos compromissos”, “auto-aperfeiçoamento” e “coesão da equipa”. Os resultados obtidos nos grupos focais foram analisados por 3 investigadores com grande experiência, que seleccionaram as frases que melhor descreveriam os valores e que seriam mais acessíveis à compreensão dos jovens respondentes.

Os 18 itens resultantes são estruturados em dois formatos. O formato A usava a frase “Quando pratico desporto é importante para mim...” seguido da descrição do valor. O formato B usava a descrição de uma pessoa cuja actividade representasse o valor e com quem o jovem respondente se identificasse. Os dois formatos do questionário utilizavam uma escala de 7 pontos, (em que -1 significa “Esta ideia é o contrário daquilo em que eu acredito”, 0 “Esta ideia não é importante para mim” e 5 “Esta ideia é extremamente importante para mim”) e foram aplicados a uma amostra de 453 atletas (253 rapazes e 200 raparigas) dos 12 aos 16 anos de idade. O formato A foi preferido devido à sua simplicidade e à menor dispersão de respostas face ao formato B.

De seguida testaram-se descrições alternativas para cada valor junto da faixa etária mais jovem da amostra, pressupondo que seriam os mais novos que teriam maiores dificuldades se os itens não fossem claros. Daqui foram retidas as frases com melhores indicadores estatísticos e foi fixada a versão definitiva do questionário. A versão final do YSVQ-1 (*Youth Sport Values Questionnaire – version 1*) foi aplicada a 1391 atletas (647 rapazes, 728 raparigas e 16 sem identificação de género), dos 12 aos 18 anos de idade e provenientes de zonas urbanas e não urbanas de Inglaterra (Lee *et al.*, 2000). Desta amostra é extraída outra, de 614 indivíduos (282 rapazes, 318 raparigas e 4 sem identificação de género), considerada mais representativa dos desportos praticados, das idades e do nível de prática.

Com o objectivo de descrever os valores percebidos pelos jovens atletas portugueses face à sua prática desportiva, comparar os resultados com os obtidos através da aplicação do mesmo questionário no Reino Unido e analisar a estrutura factorial do instrumento com vista ao seu aperfeiçoamento para utilização em futuros estudos, o questionário YSVQ-1 foi aplicado a uma amostra

de 182 basquetebolistas masculinos, dos 13 aos 16 anos de idade, praticantes em clubes dos distritos de Aveiro, Coimbra e Lisboa (Gonçalves *et al.*, 2004). Os resultados mostraram as médias dos basquetebolistas como sendo claramente mais elevadas do que as obtidas no estudo de Lee *et al.* (2000), o que é de certa forma surpreendente. A ordenação dos vários itens conforme as respostas dos jovens portugueses e ingleses destacou o item “sinto-me bem e divirto-me” em 1.º lugar por ambos os grupos. Os basquetebolistas portugueses conferem ao item “quero ganhar” uma importância relativa que os ingleses negligenciam (último lugar). Com base na mesma amostra, recorreu-se à análise de componentes principais para tentar obter uma solução mais económica de valores no desporto. A estrutura factorial revelou-se pouco clara, não tendo permitido identificar as dimensões propostas por Lee *et al.* (2000).

Posteriormente à aplicação da primeira versão do questionário de valores, Lee & Whitehead (2002) sentiram a necessidade de introduzir alterações no instrumento. A razão principal foi a verificação de um modelo teórico de três factores, correspondentes a três “tipos de valores”: “Moral”, “Competência” e “Estatuto”. Para tal, são acrescentados novos itens com o objectivo de aumentar a amplitude dos factores “Competência” e “Estatuto” e complementar os itens já existentes do factor “Moral”. Ao mesmo tempo, são eliminados itens com o fim de melhorar a independência dos factores “Moral” e “Competência”. Por conseguinte, a segunda versão do YSVQ passa de 18 para 26 itens. O YSVQ-2 é aplicado em Inglaterra a uma amostra de 549 atletas de vários desportos (317 rapazes e 232 raparigas), com idades entre os 13 e os 16 anos. Do estudo resulta a confirmação do modelo de três factores (RMSEA <.05) utilizando 10 itens.

Tendo em conta os resultados obtidos com a aplicação da 1.ª versão do YSVQ, em que a amostra era apenas de rapazes, pertencia a uma única modalidade desportiva e em contexto federado, os objectivos do presente trabalho focaram-se no estudo dos efeitos do género, contexto de prática e tipo de desporto sobre os valores expressos pelos jovens praticantes através da aplicação do YSVQ-2. Apesar de, em estudo anterior com amostra semelhante (Gonçalves *et al.*, 2005), se terem revelado diferenças entre a estrutura factorial obtida no Reino Unido e em Portugal (o factor moral mostrou-se ambíguo para os jovens portugueses), o instrumento continua a ser adequado para a investigação dos fundamentos das decisões morais no desporto infanto-juvenil (Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003).

METODOLOGIA

Com base numa versão adaptada para língua portuguesa do “*Youth Sport Values Questionnaire – YSVQ-2*”, de acordo com os procedimentos descritos em Lourenço (2004) e na sequência de um protocolo estabelecido entre o Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil (unidade científica pedagógica da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra) e a estrutura administrativa do Desporto Escolar da Direcção Regional de Educação

do Centro, foram examinados os efeitos do género (masculino × feminino), contexto de prática desportiva (desporto escolar × desporto federado) e tipo de modalidade (individual × colectiva) sobre os valores no desporto de jovens.

A amostra era constituída por 489 sujeitos (248 rapazes, 241 raparigas), com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Os jovens eram praticantes das seguintes modalidades: andebol (n=29), atletismo (n=29), badminton (n=7), basquetebol (n=97), canoagem (n=3), futebol (n=89), ginástica (n=26), hóquei em patins (n=10), natação (n=68), remo (n=19), ténis de mesa (n=30), voleibol (n=30), perfazendo 258 de modalidades colectivas e 231 de modalidades individuais.

No tratamento estatístico foi usada a técnica MANOVA factorial, tratando-se da extensão multivariada da análise da variância. A técnica testa a hipótese das diferenças entre médias dos grupos criados pela variável independente não terem ocorrido por acaso, sendo a variável dependente uma combinação linear de todas as variáveis dependentes em análise, criada para maximizar as diferenças entre grupos.

A MANOVA factorial testa em simultâneo mais do que uma variável independente, providenciando igualmente as estatísticas que testam o efeito de cada uma das variáveis independentes analisadas separadamente. A técnica exige um equilíbrio entre as células criadas pelas variáveis independentes. Note-se que na análise da variância factorial, tanto na versão univariada como multivariada, o efeito de uma variável independente é testado removendo o efeito das restantes variáveis independentes seleccionadas.



RESULTADOS

No quadro 1 apresentam-se os resultados do efeito das variáveis independentes sobre os valores do YSVQ-2. Observa-se que, na grande maioria dos itens do questionário, as variáveis independentes não operam qualquer efeito discriminante sobre as respostas dos jovens atletas.

No que respeita ao género, as diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas centram-se quase em exclusivo nos itens que marcam a dimensão “estatuto”: item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 7 “vencer ou derrotar os outros”, item 13 “ser um líder do grupo”, item 23 “ganhar”. Em relação aos outros itens, as diferenças de género ou não existem ou são de reduzida amplitude.

O contexto desportivo diferencia claramente o Desporto Escolar do Desporto Federado também em itens preponderantemente relacionados com o estatuto pessoal: item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 13 “ser um líder do grupo”, item 18 “ter bom aspecto”, item 23 “ganhar”. Curiosamente os atletas escolares e federados diferenciam-se também em item ligado a uma dimensão moral (item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”).

O tipo de desporto diferencia os praticantes tanto em itens relacionados com as dimensões moral (item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”), como com o estatuto pessoal (item 23 “ganhar”) ou com a competência (item 16 “melhorar como jogador”).

Quadro 1. Resultados da MANOVA factorial para testar simultaneamente os efeitos do género, contexto de prática desportiva e tipo de modalidade sobre os itens do Questionário de Valores face ao Desporto (YSVQp-2).

| | | Género | | Contexto | | Tipo modalidade | |
|----|---|--------|------|----------|------|-----------------|------|
| | | F | p | F | p | F | p |
| 1 | Não desiludir as pessoas | 0.530 | n.s. | 0.002 | n.s. | 0.368 | n.s. |
| 2 | Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar | 0.662 | n.s. | 2.471 | n.s. | 0.174 | n.s. |
| 3 | Dar o meu melhor | 0.198 | n.s. | 2.256 | n.s. | 2.007 | n.s. |
| 4 | Dar-me bem com toda a gente | 0.595 | n.s. | 4.625 | * | 0.552 | n.s. |
| 5 | Mostrar que sou melhor que os outros | 25.103 | ** | 10.880 | ** | 0.000 | n.s. |
| 6 | Tentar ser honesto | 0.922 | n.s. | 0.040 | n.s. | 2.045 | n.s. |
| 7 | Vencer ou derrotar os outros | 10.577 | ** | 5.337 | * | 3.849 | * |
| 8 | Melhorar o meu desempenho | 0.039 | n.s. | 0.023 | n.s. | 0.282 | n.s. |
| 9 | Cumprir o que me dizem para fazer | 0.005 | n.s. | 0.036 | n.s. | 2.402 | n.s. |
| 10 | Fazer desporto para estar em forma | 3.079 | n.s. | 5.421 | * | 0.568 | n.s. |
| 11 | Executar correctamente as técnicas | 0.001 | n.s. | 3.904 | * | 0.098 | n.s. |
| 12 | Mostrar espírito desportivo | 0.255 | n.s. | 0.006 | n.s. | 0.956 | n.s. |
| 13 | Ser um líder do grupo | 34.601 | ** | 30.546 | ** | 1.758 | n.s. |
| 14 | Aceitar os pontos fracos dos outros | 1.406 | n.s. | 7.236 | ** | 9.247 | ** |
| 15 | Sentir-me bem e divertir-me | 0.113 | n.s. | 0.211 | n.s. | 0.687 | n.s. |
| 16 | Melhorar como jogador | 0.722 | n.s. | 0.013 | n.s. | 7.475 | ** |
| 17 | Procurar fazer com que todos estejamos unidos | 0.173 | n.s. | 0.615 | n.s. | 3.969 | * |
| 18 | Ter bom aspecto | 2.804 | n.s. | 16.464 | ** | 0.011 | n.s. |
| 19 | Jogar sempre com correcção | 0.298 | n.s. | 0.168 | n.s. | 1.007 | n.s. |
| 20 | Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa | 0.275 | n.s. | 2.242 | n.s. | 0.634 | n.s. |
| 21 | Utilizar bem as minhas capacidades técnicas | 1.132 | n.s. | 0.580 | n.s. | 1.217 | n.s. |
| 22 | Ter competições estimulantes | 0.864 | n.s. | 0.109 | n.s. | 4.290 | * |
| 23 | Ganhar | 3.978 | * | 7.976 | ** | 12.502 | ** |
| 24 | Ajudar os outros quando precisam | 5.052 | * | 0.185 | n.s. | 4.510 | * |
| 25 | Estabelecer os meus próprios objectivos | 1.729 | n.s. | 0.467 | n.s. | 0.446 | n.s. |
| 26 | As pessoas reconhecerem o meu esforço | 0.920 | n.s. | 0.146 | n.s. | 0.572 | n.s. |

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Ao observarmos as médias estimadas para cada item, por variável independente (quadro 2), é patente a semelhança do padrão de respostas. As tendências de aceitação/rejeição dos diversos valores não revelam discrepâncias gritantes nas respostas dos jovens praticantes, sugerindo que o género, o contexto de prática ou o tipo de desporto não possuem efeitos que provoquem um reordenamento do sistema de valores.

Existem todavia diferenças que merecem análise mais detalhada. As raparigas apresentam uma maior valorização do que os rapazes dos valores relacionados com a competência, a prática correcta ou a sociabilidade (item 3, “dar o meu melhor”; item 6, “tentar ser honesto”; item 24,

“ajudar os outros quando precisam”). Em contrapartida, os rapazes tendem a dar maior importância ao estatuto pessoal ou aos aspectos competitivos (item 5, “mostrar que sou melhor que os outros”; item 18 “ter bom aspecto”; item 23, “ganhar”). Estes resultados estão de acordo com estudos anteriores (Lee, Whitehead & Balchin, 2000; Duda, 2001; Roberts, 2001), que apontam os mesmos tipos de orientação diversificados, tanto para rapazes como para raparigas.

Os atletas de modalidades colectivas parecem mais interessados na competição e vitória do que os seus pares de modalidades individuais (item 23 “ganhar”, item 22 “ter competições estimulantes”), o que está de acordo com os resultados obtidos por Lee et al (2000). Ao mesmo tempo, os praticantes de desportos de equipa apresentam resultados mais elevados e estatisticamente significativos nos itens relacionados com a sociabilidade/tolerância (item 24 “ajudar os outros quando precisam”, item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”) e com as competências técnicas (item 16 “melhorar como jogador”), o que está de acordo com as interações pessoais que, teoricamente, são geradas no seio da equipa, favorecendo o espírito de entreajuda.

Por seu lado, os atletas do Desporto Escolar parecem conferir maior importância às questões relacionadas com o “estatuto” do que os seus pares do Desporto Federado (item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 13 “ser o líder do grupo”, item 18 “ter bom aspecto”), o que contraria a opinião que atribui ao contexto do Desporto Escolar maior ênfase sobre os aspectos educativos na prática desportiva.

Também o item 11 “executar correctamente as técnicas” é mais valorizado pelos praticantes de Desporto Federado do que pelos seus pares do Desporto Escolar. Este facto poderá ter a ver com a menor estruturação e formalismo dos treinos e das competições no Desporto Escolar, com menor exigência relativamente ao desempenho motor.

Quadro 2. Médias estimadas dos grupos gerados pelas variáveis género, contexto e tipo de modalidade no questionário de valores no desporto (YSVQp-2).

| | | Género | | Contexto | | Tipo modalidade | |
|----|---|--------|------|----------|------|-----------------|------|
| | | Mas | Fem | Esc | Fed | Ind | Col |
| 1 | Não desiludir as pessoas | 3.75 | 3.86 | 3.80 | 3.81 | 3.76 | 4.85 |
| 2 | Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar | 4.34 | 4.25 | 4.21 | 4.38 | 4.27 | 4.32 |
| 3 | Dar o meu melhor | 4.57 | 4.61 | 4.53 | 4.65 | 4.53 | 4.64 |
| 4 | Dar-me bem com toda a gente | 4.28 | 4.36 | 4.21 | 4.42 | 4.35 | 4.28 |
| 5 | Mostrar que sou melhor que os outros | 2.74 | 1.78 | 2.57 | 1.94 | 2.26 | 2.26 |
| 6 | Tentar ser honesto | 4.21 | 4.30 | 4.25 | 4.27 | 4.18 | 4.33 |
| 7 | Vencer ou derrotar os outros | 3.75 | 3.23 | 3.67 | 3.30 | 3.33 | 3.64 |
| 8 | Melhorar o meu desempenho | 4.48 | 4.50 | 4.49 | 4.50 | 4.47 | 4.51 |
| 9 | Cumprir o que me dizem para fazer | 4.31 | 4.31 | 4.32 | 4.30 | 4.24 | 4.38 |
| 10 | Fazer desporto para estar em forma | 4.18 | 3.95 | 4.21 | 3.91 | 4.11 | 4.01 |
| 11 | Executar correctamente as técnicas | 4.22 | 4.22 | 4.12 | 4.32 | 4.21 | 4.24 |
| 12 | Mostrar espírito desportivo | 4.35 | 4.40 | 4.37 | 4.38 | 4.32 | 4.43 |
| 13 | Ser um líder do grupo | 2.99 | 1.91 | 2.95 | 1.94 | 2.33 | 2.57 |

| | | Género | | Contexto | | Tipo modalidade | |
|----|---|--------|------|----------|------|-----------------|------|
| | | Mas | Fem | Esc | Fed | Ind | Col |
| 14 | Aceitar os pontos fracos dos outros | 3.88 | 3.71 | 3.98 | 3.61 | 3.58 | 4.01 |
| 15 | Sentir-me bem e divertir-me | 4.50 | 4.53 | 4.49 | 4.54 | 4.48 | 4.55 |
| 16 | Melhorar como jogador | 4.57 | 4.50 | 4.53 | 4.54 | 4.43 | 4.64 |
| 17 | Procurar fazer com que todos estejamos unidos | 4.39 | 4.43 | 4.48 | 4.38 | 4.32 | 4.50 |
| 18 | Ter bom aspecto | 3.54 | 3.26 | 3.74 | 3.06 | 3.41 | 3.39 |
| 19 | Jogar sempre com correcção | 4.17 | 4.22 | 4.22 | 4.18 | 4.15 | 4.25 |
| 20 | Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa | 4.12 | 4.06 | 4.18 | 4.01 | 4.14 | 4.05 |
| 21 | Utilizar bem as minhas capacidades técnicas | 4.34 | 4.25 | 4.26 | 4.33 | 4.25 | 4.35 |
| 22 | Ter competições estimulantes | 4.05 | 3.95 | 3.98 | 4.02 | 3.89 | 4.11 |
| 23 | Ganhar | 3.95 | 3.66 | 4.01 | 3.60 | 3.55 | 4.06 |
| 24 | Ajudar os outros quando precisam | 4.16 | 4.39 | 4.25 | 4.30 | 4.17 | 4.38 |
| 25 | Estabelecer os meus próprios objectivos | 4.15 | 4.28 | 4.18 | 4.25 | 4.18 | 4.25 |
| 26 | As pessoas reconhecerem o meu esforço | 4.07 | 3.96 | 4.03 | 3.99 | 4.06 | 3.97 |

NOTAS CONCLUSIVAS E IMPLICAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO TREINO DE JOVENS

Ao pretender estudar o valor educativo do desporto e a sua relevância moral para a população jovem portuguesa entre os 13 e os 16 anos, o presente trabalho partiu de pressupostos teóricos de ordem filosófica e ideológica e de ordem metodológica.

A hipótese fundamental assenta nas virtualidades do Desporto como meio pedagógico, que poderá influenciar as disposições, as convicções e os comportamentos dos participantes. No domínio da prática infanto-juvenil, e especificamente no que respeita às questões de ética, o favorecimento de valores socialmente positivos constituiria um dos factores de sucesso da passagem de uma substancial parte dos jovens pela actividade desportiva organizada e competitiva. O tema assumiu uma relevância premente no seio das mudanças sociais (e necessariamente também no Desporto) induzidas pela transição para a Sociedade da Informação (Castells, 2003).

Como corolário, considera-se que é a organização e conteúdo da prática que conferem qualidade “pró-social” ao Desporto de crianças e jovens dado que, só por si, o treino e a competição não favorecem o desenvolvimento de comportamentos desejáveis.

Os resultados revelaram uma acentuada orientação pró-social ao nível dos Valores expressos pela generalidade dos respondentes. Estes dados confirmam os estudos acima referidos de Lee (1996), de Lee *et al.*, (2000), com jovens ingleses praticantes de vários desportos, e de Gonçalves & Coelho e Silva (2004), com basquetebolistas federados masculinos.

A análise da variância factorial demonstrou, que as variáveis de género, masculino ou feminino, e de tipo de modalidade, individual ou de equipa, são fonte de diferenças estatisticamente significativas nas respostas dos praticantes, embora sem alteração nas tendências dos scores.

É na variável de contexto, federado ou escolar, que as diferenças não surgem como significativas, esbatendo a influência, esperável, do clima pedagógico da escola ou do clube. Ao aceitarem com maior facilidade os itens relativos ao “estatuto” e revelarem menor predisposição para a aprendizagem das técnicas, os escolares põem em causa algumas das crenças professadas sobre a superioridade pedagógica da escola e, acima de tudo, obrigam à realização de novos estudos, com outros instrumentos ou recorrendo a outras metodologias.

Por conseguinte, parece que os jovens praticantes se orientam para uma participação desportiva imbuída de *fair play* e de vontade de respeitar as regras e de convívio entre pares. A grande maioria dos atletas mais novos não confere grande importância a valores relacionados com a carreira desportiva ou com o estatuto pessoal. Estes dados estão de acordo com outros estudos que comprovam que apenas uma pequena percentagem das crianças e jovens (5-10 %) possui aptidões, ou pensa que as possui, que lhes permita aceder aos escalões de competição.

Outro ponto importante reside no facto de as raparigas apresentarem um padrão de respostas definido e diferente do dos rapazes, rejeitando os valores de “estatuto” e valorizando a sociabilidade e do empenho na actividade.

Coloca-se claramente aos responsáveis pelas instituições gestoras do Desporto Infanto-Juvenil, públicas e privadas, a questão da organização das actividades de modo a dar resposta à necessidade de participação (e de sucesso) da maioria dos praticantes, nomeadamente a grupos específicos, como por exemplo, as raparigas. Dado que a estrutura do Desporto Federado é naturalmente selectiva, os caminhos a percorrer deverão seguir múltiplas direcções.

Um erro a evitar, porém, será ignorar os muito poucos que podem e desejam atingir níveis de excelência desportiva, pois o seu papel social continua a revelar-se importante.

Se os estudos permitem um melhor conhecimento da realidade portuguesa, não é menos verdade que resta um longo caminho a percorrer e que se abrem múltiplas vias de investigação. Em primeiro lugar, a disseminação de estudos entre a população de praticantes desportivos, alargando o leque de instrumentos e de métodos. O recurso a técnicas estatísticas que permitam discernir as correlações (positivas ou negativas) entre os valores e outros construtos relacionados, como a motivação, a habilidade percebida, a satisfação com a prática ou as atitudes.

O estudo segmentado dos jovens atletas representa também uma área importante. Face às tendências manifestadas pelas organizações desportivas federadas no sentido de proporcionarem condições de treino cada vez mais sofisticadas em idades cada vez mais baixas (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004), as elites desportivas dos escalões de formação são alvo de metodologias e “climas” de treino que têm pouco a ver com a realidade vivida pelos seus pares. Será que este ambiente especial vai influir nos valores morais dos melhores atletas?

É desejável que a investigação empírica seja complementada com estudos que providenciem informação adequada a treinadores, famílias e responsáveis pelas organizações desportivas dos

jovens. E que a pesquisa aplicada revista um carácter continuado e, quando possível, longitudinal. A maior parte dos estudos são pontuais ou limitam-se a intervenções de curto prazo (Chatoupis & Emmanuel, 2003; Christodoulidis *et al.*, 2001). Parece claro que as sociedades estão a mudar e que a relação dos jovens com o desporto evolui. A vontade de preservar e reforçar o papel da actividade desportiva na educação física e moral dos praticantes, passa necessariamente por um melhor conhecimento da realidade que permita proporcionar experiências de sucesso a todas os participantes no Desporto Infanto-Juvenil.

Bibliografia

- Alves F** (2002) *Desporto, Saúde e Educação. Pode o movimento associativo alhear-se dos grandes desígnios do desenvolvimento nacional?* In *Alta Competição. Uma cultura de exigência*. Lisboa. Confederação do Desporto de Portugal.
- Anderson D** (2002) *Do Critical Periods Determine when to Initiate Sport Skill Learning?* In F Smoll, R Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective*. Dubuque. Kendall/Hunt.
- Bento JO** (2004) *Desporto. Discurso e substância*. Porto. Campo das Letras.
- Brettschneider W** (2001). *Effects of sport club activities on adolescent development in Germany*. *European Journal of Sport Science*, 1 (2)
- Buisman A, Van Rossum J** (2001) *Values and value clarification in sports*. In J Steenbergen, P De Knop, A Elling (eds) *Values and norms in sport*. Oxford. Meyer & Meyer Sport, pp. 117-136
- Cardoso L** (2004) *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional*. Monografia de licenciatura. FCDEF – Universidade de Coimbra.
- Chatoupis C, Emmanuel C** (2003) *The effects of two disparate instructional approaches on student self-perceptions in elementary physical education*. *European Journal of Sport Science*, 3, 1.
- Christodoulidis T, Papaioannou A, Digelidis N** (2001). *Motivational climate and attitudes toward exercise in greek seunior high school: a year-long intervention*. *European Journal of Sport Science*, 1, 4.
- Cruz J, Boixadós M, Valiente L, Torregrosa M** (2001). *Se pierde el "fairplay" y la deportividad en el deporte en edad escolar?* *Apuntes: Educación Física y Deportes*, 64, 6-16.
- Cruz J, Boixadós M, Valiente L, Capdevila L** (1995) *Prevalent values in young spanish soccer slayers*. *International Review for the Sociology of Sport*, 30, 353-373.
- Duda J** (2001). *Achievement Goal Research in Sport : Pushing the Boundaries and Clarifying some Misunderstandings*. In G. Roberts (ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 129-182). Champaign, Ill. Human Kinetics.
- Fonseca A** (1999). *Atribuições em contextos de actividade física ou desportiva*. Tese de Doutoramento. FCDEF – Universidade do Porto.
- Freitas F** (2004) *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional – relatório preliminar em jovens atletas de desporto escolar e desporto federado*. Monografia de licenciatura. FCDEF. Universidade de Coimbra.
- Gonçalves CA** (2004) *A educação para os valores na educação física e no desporto infanto-juvenil*. Comunicação apresentada no Congresso "O Desporto, a Ética e os Valores". Lisboa. Universidade Lusófona.
- Gonçalves CE** (2004). *Desporto infanto-juvenil e educação moral – situação, constrangimentos e perspectivas*. *Treino Desportivo Especial*, 6: 68-74.
- Gonçalves CE, Coelho e Silva M** (2004) *Contemporary trends and issues in youth sports in Portugal*. In Manuel Coelho e Silva & Robert Malina (eds), *Children and Youth in Organized Sports*. Coimbra. Imprensa da Universidade.
- Gonçalves CE, Coelho e Silva M, Lee M** (2004). *Valores no desporto de jovens: estudo com jovens basquetebolistas dos 13 aos 16 anos de idade*. In N Garcia, CE Gonçalves, M Coelho e Silva (Editores). *Perspectivas do Desporto de Jovens para uma Educação pelo Desporto*. Direcção Regional de Educação Física e Desporto – Secretaria Regional de Educação – Região Autónoma dos Açores, Câmara Municipal da Horta, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra
- Gonçalves CE, Cardoso L, Freitas F, Lourenço J, Coelho e Silva M** (2005). *Valores no desporto de jovens: concepções, instrumentos e limitações*. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 30-31, 93-110.
- Keech M, Mcfee G** (2000). *Locating issues and values in sport and leisure cultures*. In Mark Keech, Graham Mcfee (eds) *Issues and values in sport and leisure cultures*. Oxford. Meyer & Meyer Sport.
- Lee M** (1996) *Young people, sport and ethics: an examination of fairplay in youth sport*. Unpublished report submitted to the Sports Council Research Unit, London.
- Lee M, Cockman M** (1991) *Ethical issues in sport: emergent values among youth football and tennis players*. Unpublished report submitted to the Sports Council Research Unit, London.
- Lee M, Whitehead J** (2002) *The effect of values, achievement goals, and perceived ability on moral attitudes in youth sport*. Unpublished report submitted to the Economic and Social Research Council. London.
- Lee M, Whitehead J, Balchin N** (2000). *The measurement of values in youth sport: development of the youth sport values questionnaire*. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 22, 307-326.
- Lourenço J** (2004) *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional – relatório preliminar em jovens atletas masculinos e femininos*. Monografia de licenciatura. FCDEF – Universidade de Coimbra.

- Marques A** (2002) *Conceito geral de treino de jovens – aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador*. Treino Desportivo, 20, 4-11.
- Roberts G** (2001). *Understanding the Dynamics of Motivation in Physical Activity: the Influence of Achievement Goals on Motivational Process*. In G. Roberts (ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 1-50). Champaign, Ill. Human Kinetics.
- Schwarz S** (1994) *Are there universal aspects in the structure and contents of human values?* Journal of Social Issues, 50 (4): 19-45.
- Stephens D** (2000) *Predictors of Likelihood to Aggress in Youth Soccer: an examination of coed and all-girl teams*. Journal of Sport Behavior, 23, 311-325
- Torregosa M, Lee M** (2000) El estudio de los valores en psicología del deporte. *Revista de Psicología del Deporte*, 9 (1-2), 71-83.
- Whitehead J, Lee M, Hatzigeorgiadis N** (2003). *Goal orientations as mediators for the personal value system*. Journal of Sport Sciences. 21, 4.